

O TEA¹ E A ESCOLA: OS DESAFIOS E NECESSIDADES DE INCLUSÃO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Amanda Petronila Florêncio da Silva²

amanda14floreen@gmail.com

Orientador do Trabalho: Lúcio Alves Pedrosa³

lucio.pedrosa@ufpe.br

Resumo: Este trabalho tem por objetivo geral compreender como acontece o processo de inclusão de um estudante com TEA (Transtorno do Espectro Autista) matriculado na Educação Infantil. O nosso lócus de estudo e coleta de dados se deu em uma escola da rede privada situada no município de Caruaru-PE. Desse modo, o percurso metodológico utilizado foi a realização de uma entrevista estruturada e a prática de observação feita em sala de aula, participaram desta investigação uma professora do Infantil III e um estudante com TEA, frequentante desta turma. Os dados analisados apontaram que os desafios que limitam o exercício de práticas de inclusão estão relacionados a problemas estruturais que dificultam a promoção de atividades lúdicas diversificadas e a ausência de apoio escolar para acompanhamento deste estudante. Também foram identificadas lacunas quanto a organização de momentos formativos envolvendo o corpo docente e demais profissionais, no que se refere a temáticas voltadas para o contexto emergente da Educação Inclusiva. Entretanto, apesar dessas situações se fazerem presentes no cotidiano da sala de aula de várias escolas, ainda conseguimos identificar práticas que caminham para a inclusão. A docente, apesar de conviver com algumas limitações, desenvolve algumas estratégias que incluem o estudante na maioria das atividades vivenciadas. Tais táticas se mostraram importantes na inclusão deste estudante com TEA. E para dar sustentação aos diálogos proferidos ao longo deste estudo, buscamos reflexões nas contribuições de Shwartzman (1997); Cunha (2010); Brasil (1998); Lück (2009); Mantoan (2003) e Brasil (1996).

Palavras-chaves: TEA. Inclusão. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) pode ser identificado nos primeiros meses e anos de vida em virtude das características observáveis que apresenta. O TEA se define por ser um transtorno do neurodesenvolvimento, proveniente, ainda em estudos, de condições genéticas e ambientais. Sendo assim, caracteriza-se por comportamentos atípicos que conforme o nível de suporte, afetam a interação/comunicação social e demais comportamentos do indivíduo. As principais características do TEA se materializam através de atitudes que se manifestam com maior evidência até os 3 anos de idade, período

¹ Transtorno do Espectro Autista

² Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera - PE, amanda14floreen@gmail.com;

³ Mestre em Educação Contemporânea pela Universidade Federal de Pernambuco – PE, lucio.pedrosa@ufpe.br;



em que o desenvolvimento da linguagem já atingiu seu marco maior.

Os indivíduos com TEA que vão desde a criança ao idoso, apresentam diversos comportamentos atípicos que variam intensamente dependendo do nível de suporte, nesses pode haver “usos insatisfatórios de sinais sociais, emocionais e de comunicação, além da falta de reciprocidade afetiva (CUNHA, 2010, p.24)”. Neste sentido, de acordo com o nível de suporte, o espectro não se manifestará da mesma forma em todos os indivíduos, variando do mais leve ao mais severo e acentuado, uma vez que, espectro pode ser considerado como uma nuance de muitas coisas juntas ao mesmo tempo.

De acordo com os atuais estudos e pesquisas sobre o transtorno, existe uma prevalência maior de casos vindos a ocorrer em indivíduos do sexo masculino. Para tal, o TEA não é identificável por meio de exames laboratoriais, o diagnóstico é comportamental e requer tempo e a ação de diversos profissionais, pois o TEA não tem rosto. Sendo considerado uma desordem do neurodesenvolvimento, o TEA compromete as relações interpessoais, indivíduos com o espectro tendem a apresentar dificuldade para se comunicar e estabelecer contato visual com os demais à sua volta. O isolamento social e movimentos estereotipados também são evidentes.

Todavia, esses sujeitos necessitam que lhe sejam assegurados meios e estratégias para que seu desenvolvimento seja trabalhado e de fato aconteça a inclusão. Conforme disposto na Lei 13.146/2015 em seu Art. 27 parágrafo único, “é dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.” Contudo, é importante frisar que nossos sistemas de ensino ainda se apresentam insuficientes para lidar com a questão da inclusão. No Brasil, a Educação Inclusiva ainda caminha a passos lentos, pois ainda é frequente escolas com estrutura física sem adaptações, profissionais sem a devida formação e inexistência de recursos.

O cumprimento da legislação com somente a matrícula do indivíduo na instituição escolar, não assegura de fato que práticas inclusivas estão sendo materializadas no cotidiano da escola. A inclusão vai mais além do direito da matrícula, ela perpassa condições de garantia da permanência por meio de práticas de igualdade, equidade, socialização e integração para que o sujeito encontre meios de se desenvolver em toda a sua trajetória de vida. Neste viés, a Educação Infantil pode ser considerada uma etapa escolar importante para que o indivíduo com TEA seja estimulado e desenvolva suas potencialidades de forma exitosa, pois seus princípios educacionais são baseados no desenvolvimento integral dos sujeitos em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais



e sociais.

Por isso e sobre o até então exposto, com o intuito de contribuir para as discussões sobre a temática em questão, tão importante e fundamental, objetivamos neste estudo refletir sobre a seguinte problemática “Quais os desafios e necessidades de inclusão da criança com TEA no contexto da educação infantil?”, por objetivo geral compreender como acontece o processo de inclusão de uma criança com TEA na Educação Infantil, seguidos dos objetivos específicos i) identificar os principais desafios de inclusão escolar presentes no contexto da Educação Infantil; ii) caracterizar as situações de inclusão vivenciadas no cotidiano escolar de uma sala de Educação Infantil.

Neste estudo buscamos inicialmente apresentar uma visão geral sobre a temática a ser discutida, bem como, ao longo do texto, algumas concepções teóricas deram sustentação aos diálogos estabelecidos. Além disso, na metodologia demarcamos o tipo de abordagem metodológica utilizada e os instrumentos que nos ajudaram no processo de coleta de dados, resultando nos achados descritos nas discussões do trabalho, partindo para nossas considerações finais.

CONCEPÇÕES TEÓRICAS

O debate sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) requer, inicialmente, considerar que conforme os estudos atuais, está havendo um aumento significativo nas últimas décadas da predominância de diagnósticos de crianças com o transtorno, essa incidência aparece mais evidente em sujeitos do sexo masculino, sendo um pouco mais difícil identificar no sexo feminino. Para compreender melhor o que é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), partimos do entendimento de Shwartzman (1997) citado por Shwartzman (2003) quando em seu pensamento o autor expressa que:

O autismo infantil pode ser considerado um distúrbio de desenvolvimento caracterizado por um quadro comportamental peculiar e que envolve sempre áreas da interação social, da comunicação e do comportamento em graus variáveis de severidade; este quadro é, possivelmente, inespecífico, e representa uma forma particular de reação do sistema nervoso central frente a uma grande variedade de insultos que podem afetar, de forma similar, determinadas estruturas do sistema nervoso central em período precoces do desenvolvimento (págs. 9 e 10).

Diante do pensamento defendido pelo autor, compreende-se que o TEA se caracteriza como um transtorno do neurodesenvolvimento, afetando principalmente o



perfil comportamental dos sujeitos, a depender do nível de severidade, pode interferir na maneira como o indivíduo interage socialmente, isto é, nas suas relações sociais. Cada indivíduo com TEA reagirá de forma particular e individual aos estímulos do meio em que está inserido, em virtude do nível de suporte que cada um pode apresentar.

Alguns autores como Cunha (2010) expressam que “[...] o autismo possui no seu espectro as incertezas que dificultam, na maioria dos casos, o diagnóstico precoce. O termo autismo origina-se do grego *autós*, que significa “de si mesmo” [...] compreende a observação de um conjunto de comportamentos agrupados em uma tríade principal: comprometimento na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas (págs. 19 e 20). Por apresentar variações, essas condições algumas vezes podem comprometer o diagnóstico, contudo, por meio de práticas observáveis, envolvendo a atuação de uma equipe multidisciplinar, o diagnóstico se torna mais fácil, preciso e eficaz, podendo ser a porta de entrada para a garantia de direitos.

Segundo o Art. 205 da Constituição Federal (Brasil, 1988) “A educação é direito de todos e dever do Estado e da família [...]”. Para as pessoas com deficiência, a oferta da educação de acordo com o parágrafo III do Art. 208 da Constituição enfatiza que o “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, deve acontecer preferencialmente na rede regular de ensino (Brasil, 1988). Por ser um direito humano e da pessoa com deficiência, a educação deve estar alinhada a um sistema educacional inclusivo, perpassando por todos os níveis e modalidades. É na rede regular de ensino que o AEE deve ser desenvolvido, este acontecerá no âmbito da escola, que enquanto instituição social criada pela sociedade vem a ser conforme Lück (2009):

[...] uma organização social constituída pela sociedade para cultivar e transmitir valores sociais elevados e contribuir para a formação de seus alunos, mediante experiências de aprendizagem e ambiente educacional condizentes com os fundamentos, princípios e objetivos da educação (p.20).

A escola conforme o pensamento da autora, é uma criação da sociedade e tem por principal função transmitir valores sociais que agreguem a formação integral de seus indivíduos. Para tal, a escola precisa inserir os sujeitos em experiências de aprendizagem eficientes, que estejam alinhados aos princípios defendidos pela própria educação. A escola deve ser considerada um ambiente propício para a inclusão, ela é palco da diversidade cultural, nela se reúne sujeitos e suas particularidades próprias e o encontro das diferenças.



A inclusão escolar na concepção de Mantoan (2003) “implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldades de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral (p.16)”. Sendo assim, incluir é modificar a concepção educacional e criar oportunidades para que todos se desenvolvam com sucesso durante a trajetória educativa, independentes de ter alguma deficiência ou não.

Diante dessas problemáticas, a escola é diariamente desafiada a lidar com essas questões, pois recebe cotidianamente sujeitos plurais. Neste sentido, por se tratar da primeira etapa da educação básica, a Educação Infantil torna-se uma modalidade da educação propícia para o acolhimento e desenvolvimento de indivíduos com TEA. É na Educação Infantil que esses sujeitos poderão desenvolver suas capacidades cognitivas, motoras e sociais. Assim, como encontramos no Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), a “educação infantil, primeira etapa básica, tem por finalidade o desenvolvimento integral das crianças de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, completando a ação da família e da comunidade”.

A Educação Infantil é uma formação complementar junto a desempenhada pela família e a comunidade. Na Educação Infantil a criança fortalecerá suas relações e construção da identidade, nesta perspectiva, a escola nem sempre estará preparada para lidar com isso, em se tratando das pessoas com deficiência muito precisa ser feito, ainda é comum a existência de lacunas e desafios que estão presentes no cotidiano escolar e que fogem dos discursos da verdadeira inclusão.

ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia pode ser entendida como o caminho a ser percorrido ou desenhado para se alcançar algo, assim, para subsidiar nossas reflexões o presente trabalho recorre a uma abordagem de orientação qualitativa. A pesquisa qualitativa tem por enfoque realizar a delineação do campo de estudo através da análise aprofundada do seu contexto, ancorados pelo anseio de atingir os objetivos propostos pelo tema em questão. Esse tipo de pesquisa é importante, pois como afirma Minayo (1994) a:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares [...] ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de



variáveis (págs. 21 e 22).

Dessa forma, a pesquisa qualitativa proporciona ao sujeito pesquisador um encontro com as diversas subjetividades que emergem do lócus de estudo, é por meio do diálogo, da observação e do contato mais aproximado que essas subjetividades afloram e engendram a pesquisa. Extrai-se pelo uso da pesquisa qualitativa novos conhecimentos que podem relacionar-se com o que se pretende investigar.

Sendo assim, percebemos que a ênfase da pesquisa qualitativa acontece nos processos e nos significados. Desse modo, interpreta os acontecimentos e entende as relações existentes a partir da ótica de pesquisador, levando em consideração seus valores e suas origens pessoais. A pesquisa qualitativa considera que os processos sociais e fenômenos precisam ser entendidos nas determinações e transformações dadas pelos próprios sujeitos, compreendendo as relações intrínsecas de oposição e complemento entre o mundo natural e o social.

Aliando-se a essa perspectiva, elegemos como instrumentos para coletas dos dados a técnica da observação que de acordo com os pressupostos de Lakatos (2003, p.173) vem a ser “[...] uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar”. Esse instrumento permite ampla descrição sobre o campo, acontecimentos e especificidades que compõe o mesmo. Isso também inclui considerar as experiências vividas no campo de observação, bem como, seus modos de expressão.

Além da observação, adotamos o uso da entrevista com o objetivo de buscar pela precisão em coletar dados relevantes ao tema. A entrevista pode ser definida por meio do pensamento de Marconi e Lakatos (2003) como “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional (p. 195)”. Ademais, pensamos em uma entrevista estruturada que ainda na opinião de Marconi e Lakatos (2003) é “aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. Ela se realiza de acordo com um formulário elaborado e é efetuada de preferência com pessoas selecionadas de acordo com um plano”.

A fim de alcançar os objetivos mencionados na introdução deste estudo, elegemos como lócus enunciativo, ou seja, campo de pesquisa, uma escola vinculada à rede privada de ensino do município de Caruaru-PE, e como sujeitos, uma professora que dar aula no



Infantil III e um estudante com TEA, da mesma turma. Para fins da pesquisa, nomeamos os sujeitos com os seguintes nomes fictícios: Professora (Helena) e estudante (Joaquim).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Desafios da inclusão escolar presentes no contexto da Educação Infantil

A inserção do indivíduo com TEA no contexto da Educação Infantil é uma etapa crucial e importante que agrega inúmeras contribuições para que o sujeito em formação desenvolva suas habilidades físicas, psicológicas, intelectuais e sociais. A partir disso, compreendemos também, que apesar da escola ser uma instituição relevante para o processo de formação dos sujeitos, ela ainda vivencia diariamente vários desafios e demandas oriundas da sociedade, no que se refere ao acolhimento de indivíduos com TEA no ambiente escolar a realidade não é diferente.

De acordo com as problemáticas aqui já discutidas, procuramos mediante os dados coletados em campo, identificar e traçar considerações sobre quais desafios implicam a inclusão escolar no contexto da Educação Infantil. Desse modo, e como base nas respostas colhidas durante a entrevista estruturada que realizamos com a docente, nossas análises apontaram para a limitação do desenvolvimento de momentos envolvendo a ludicidade e o ato do brincar, principalmente fora da sala de aula, envolvendo a participação de todos. Conforme a fala de Helena, essa questão se dá em decorrência de fatores estruturais e a ausência de apoio escolar para auxiliar o estudante durante essas vivências, tal como expresso em seu discurso:

Para incluir o estudante com TEA acho necessário, assim como é orientado pela proposta da Educação Infantil, não apenas inserir o aluno na escola, mas realizar cotidianamente atividades lúdicas diferenciadas, que promovam o envolvimento de todos e que contribuam para o fortalecimento das relações sociais, desenvolvimento de aspectos físicos, motores e comportamentais dos sujeitos, porém fora sala de aula sempre encontro limitações para proporcionar isso, o espaço não é amplo, adequado, adaptado e seguro. Eu também ainda não conto com o apoio de um profissional para acompanhar esse estudante durante essas atividades. Isso infelizmente me limita muito, pois fico mais na sala de aula utilizando massinha e lego na maioria das vezes.

Na fala da professora nota-se que alguns desafios para que esse processo de inclusão do estudante com TEA venha acontecer é o de proporcionar momentos lúdicos fora da sala de aula. A docente sente-se limitada quanto ao desenvolvimento dessas atividades, ela indaga que o ambiente da escola ainda não é adaptado ou adequado para



que esse estudante se mantenha seguro nele. A docente ainda ressalta que atualmente não conta com o auxílio de um profissional de apoio escolar para dar suporte ao estudante durante estes momentos.

Mediante os desafios apontados pela professora, o processo de inclusão se torna comprometido dentro da escola, uma vez que, momentos tão relevantes não acontecem de forma integral. Nestas atividades, o estudante com TEA poderia fortalecer suas relações por meio das interações com o restante do alunado da sala, posteriormente, teria suas potencialidades estimuladas. É através de atividades voltadas à ludicidade que o indivíduo com TEA pode expressar-se, comunicar-se, relacionar-se e adquirir novas aprendizagens. O brincar assim como defende Cipriano e Almeida (2016) pode:

Contribui de maneira singular para o atendimento a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), trazendo formas espontâneas de intervenção nas demandas, deficit e dificuldades apresentadas por elas. O brincar em suas propostas lúdicas vem contemplar o grande número de manifestações do espectro, buscando atender cada criança, em suas particularidades, através do jogo coletivo e individual (p.79).

O brincar em sua totalidade é uma experiência constituída por uma pluralidade de intervenções que contribuem para a estimulação de sujeitos com TEA, o ato da brincadeira em si contempla várias manifestações apresentadas pelo espectro e se torna um momento de aprendizagem, já que indivíduos atípicos apresentam déficits em diferentes habilidades.

Segundo a fala da docente entrevistada, um outro fator que prejudica a inclusão é a ausência de um profissional de apoio escolar no dia a dia da criança com TEA. Esse profissional é muito importante no acompanhamento do sujeito com TEA, de acordo com legislação vigente se constitui como um direito, assim como disposto no Art. 28, parágrafo XVII da Lei 13.146, que dispõe da “oferta de profissionais de apoio escolar”. Estes profissionais devem acompanhar estudantes em todas as modalidades da educação, em instituições públicas e privadas.

Ainda mediante a entrevista, um outro desafio apontado pela professora é a organização limitada de eventos formativos envolvendo o corpo docente para lidar com a temática da Educação Inclusiva, direcionada principalmente para o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Em sua fala Helena traz alguns pontos que se relacionam com isso, vejamos:



A escola proporciona alguns momentos de formação, mas isso não acontece com frequência. Quando ocorre é no início do ano, eu particularmente considero e acho necessário essas formações acontecerem com mais frequência pois tenho ciência que os desafios da sala de aula mudam constantemente a cada dia, não são situações engessadas, elas sempre estão mudando, portanto, nós professores necessitamos de formação para lidar com essas questões. Durante as formações percebo uma certa insuficiência de propostas de atividades voltadas para a área da Educação Inclusiva, são tratados outros assuntos com mais intensidade, muita coisa fica apenas na teoria.

A fala da professora deixa claro e evidente que a escola ainda não proporciona momentos formativos eficientes sobre a temática. Existe uma lacuna entre a teoria e a prática, poucas atividades adaptadas são ofertadas para lidar com os sujeitos com deficiência, pois, para manejar as novas demandas educacionais é necessário que essas atualizações sejam frequentes. Diante disso, é preciso que a escola repense sua proposta pedagógica e contemple essa demanda, fornecendo momentos formativos não somente para o corpo docente, mas para todos os atores educacionais que dela fazem parte, assim, a diferença não será vista como um problema. Dessa forma, Freitas (2006) traz que:

[...] quando a inclusão é refletida ela leva-nos inevitavelmente a repensar a relação entre a formação do professor e as práticas pedagógicas”. Nesse contexto os professores devem estar preparados para combater os desafios e desenvolver competências para trabalharem em sala de aula.

A “inclusão exige da escola novos posicionamentos que implicam num esforço de atualização e reestruturação das condições atuais, para que o ensino se modernize e para que os professores se aperfeiçoem, adequando as ações pedagógicas à diversidade dos aprendizes (VELTRONE; MENDES, 2007, p.2)”, isto é, para incluir a escola necessita se atualizar constantemente, já que caminha junto com a sociedade, e o que parte da sociedade influencia diretamente na atuação da escola.

2. Perfil das situações de inclusão encontradas na sala de aula da Educação Infantil

Nos últimos anos as discussões sobre TEA vem tomando proporções, o indivíduo com TEA como já descrito ao longo deste trabalho, apresenta dificuldades em desenvolver diversas habilidades que comprometem comportamentos, comunicação e as formas de interação. Para facilitar a permanência do estudante com TEA na escola, alguns hábitos e rotinas precisam ser levados em conta e se estenderem do ambiente familiar para o escolar. O cumprimento de rotinas, o apego a objetos e materiais, a antecipação de



mudanças e entre outros são meios e possibilidades para realizar com esses sujeitos.

Partindo dessas indagações e com bases nas observações feitas na sala de aula do Infantil III com o estudante Joaquim, notamos que a professora busca proporcionar momentos de inclusão com o estudante e os demais. Observamos que a organização da sala se dá por grupos, assim o estudante mantém contato com os colegas, o que aumenta os níveis de interação. O aluno Joaquim também conta com o recurso de uma rotina visual colada na parede da sala de aula, feita pela própria professora.

As observações também apontaram que os materiais de uso diário e pedagógico se encontram em alturas consideráveis acessíveis, não somente para que o estudante com TEA tenha acesso, mas para todos os alunos de um modo em geral, facilitando assim, o manuseio e utilização nas atividades escolares. Uma outra situação identificada é o uso feito pelo estudante de lápis adaptado, o material é envolto com EVA o que facilita a pega do objeto, facilitando a coordenação motora e não comprometimento durante a realização das tarefas.

Com nossas observações percebemos que o estudante participa de todas as atividades feitas dentro e fora de sala de aula quando possível. Existe uma integração entre todos os estudantes, que incluem o aluno Joaquim nas brincadeiras, principalmente no recreio escolar. O momento do brincar acontece na maioria das vezes coletivamente, nele as crianças brincam todas juntas e percebe-se que as outras crianças possibilitam a participação do estudante com TEA nas brincadeiras, além disso, as atividades escolares possuem algumas adaptações conforme as limitações do estudante.

Notamos em nossas observações que a professora busca proporcionar ao estudante práticas inclusivas em sala de aula, mesmo com algumas limitações, entretanto, isso nos faz refletir o quanto ainda é necessário avançar sobre a temática da Educação Inclusiva, todos precisam caminhar juntos na busca pelo mesmo objetivo. A autora Mantoan (2003) tece algumas considerações sobre como seria a relação da escola com o que emerge do contexto social a qual é integrante, vemos que:

[...] a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos. E muito menos desconhecer que aprender implica ser capaz de expressar, dos mais variados modos, o que sabemos, implica representar o mundo a partir de nossas origens de nossos valores e sentimentos (p.12).

A partir dos pressupostos da autora, fica evidente que a escola não deve continuar neutra, isto é, não tomando para si a responsabilidade de lidar com as diferenças. Cada



sujeito é diferente e aprende na sua possibilidade, cabe a instituição escolar criar meios para que isso aconteça, sem desconsiderar a origem, os valores e sentimentos desses indivíduos envolvidos, para que a partir disso, sejam pensadas alternativas para intervir nas situações, estabelecendo um trabalho articulado com a esfera familiar.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Este trabalho buscou identificar como acontece o processo de inclusão escolar de uma criança com TEA no contexto da Educação Infantil. Portanto, os dados colhidos no campo de estudo apontaram que dentre os desafios encontrados estão a questão estrutural da própria escola, a ausência de profissional de apoio escolar para acompanhar o estudante e ainda mais importante, os poucos momentos formativos organizados pela instituição para lidar com a temática da Educação Inclusiva para intervir de maneira consciente e assertiva nessas situações.

Essa ainda é uma realidade constante no cotidiano de várias escolas, muitos profissionais que atuam nesses espaços não sabem muitas vezes o mínimo sobre TEA, isso também inclui os professores que lecionam na Educação Infantil. Por outro lado, mesmo com as limitações no que concerne a formação de professores oferecida pela escola estudada, a professora observada consegue dentro da sala de aula desenvolver algumas práticas de inclusão. Em conclusão, destacamos que a Educação Infantil não se resume apenas a uma etapa da educação básica, mas a uma etapa de fundamental importância para a formação do sujeito, nela diversas relações são estabelecidas e fortalecidas, estudante/professor; estudante/estudante; principalmente pelas trocas de saberes durante o processo de ensino e aprendizagem, nos sujeitos com TEA essa realidade não deve ser distorcida.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
BRASIL, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.
BRASIL, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
CIPRIANO, M. S. ALMEIDA, M. T. P. **O brincar como intervenção no transtorno do espectro do autismo.** Extensão em Ação, Fortaleza, v.2, n.11, Jul./Out. 2016. Edição especial.
- CUNHA, E. **Autismo e Inclusão:** psicopedagogia práticas educativas na escola e na família/Eugênio Cunha. – 2. ed. – Rio de Janeiro: Wark Ed., 2010. 140p.: 21 cm.



FREITAS, S. N. **A formação de professores na educação inclusiva:** construindo a base de todo o processo. *Inclusão e Educação: doze olhares sobre a educação inclusiva.* São Paulo: Summus, 2006, p. 162-179.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica/** Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. Ed. – São Paulo: Atlas 2003.

LÜCK, H. **Dimensões de gestão escolar e suas competências.** Heloísa Lück. – Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? / - São Paulo: Moderna, 2003. — (Coleção cotidiano escolar).

MINAYO, M. C. S. (Org); DESLANDES, S. F.; CRUZNETO, O. GOMES, R. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

SHWARTZMAN, J.S. **Autismo Infantil.** São Paulo: Memnon, 2003.

VELTRONE, A. A. MENDES, E. G. **Diretrizes e desafios na formação inicial e continuada de professores para a inclusão escolar.** IX congresso estadual paulista sobre formação de educadores – 2007.

